

# EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

## cinema



O ator Milton Gonçalves fala sobre consciência negra no Brasil.  
**Pag. 22P**

## música



Em NYC para o lançamento do CD Farofa Carioca, Gabriel Moura fala de samba.  
**Pag. 19P**

## arte e cultura



David Cardoso, o rei das pornochanchadas lembra seus grandes momentos.  
**Pag. 21P**

# The Brazilians

Year 34 • Number 365 • USA \$ 1.00 • Brazil R\$3,00 • NOVEMBER/DECEMBER 2006



## COFFEE

It helps to get going in the morning and it is good for the health too



Coffee originated in the Middle East and it is said the dark beverage was responsible for waking up the alcoholic mist that took over Europe until the 17th century. Brazil, with 22.5 million bags per bag, a thirdworld's of all coffee production,) is by far the heavy-weight champion of the coffee-producing world. Being a powerful energy booster, caffeine became a symbol of coffee.

Other substances in coffee and new findings bring a whole new attitude about the beverage that conquered the world. The quantity of antioxidant in a small cup of coffee is far superior to what is found in many other foods, such as apples, bananas, red wine, avocados and even green tea. **Page 8E**

## tourism

### Travelling Brazil made easy

Brazil is the largest coast line of the Americas. It is the only Portuguese-speaking Latin American country and it would be bigger than the US if it were not for Alaska. The country is divided into 27 states, which are grouped into 5 regions, each with particular characteristics. Although Portuguese is the official language, it is not hard for tourists to communicate in English or Spanish in its cities. Read about Brazil and get hints on how to better travel the South American giant.



# Quando as comunidades deixam de ser ilhas

CRISTIANE BOUGER

Em 2004, no início das gravações do documentário "Comunidade, Ativismo e a Cena Downtown" - um documentário independente sobre a cena experimental de Nova York, meu objetivo central estava focado em com-partilhar com os artistas no Brasil - e mais especificamente, em Curitiba -, um pouco acerca do universo da lendária cena experimental de Nova York.

Realizar este projeto com uma câmera de mão partiu de um impulso tanto emocional quanto intelectual. Emocional por entender que muitos artistas brasileiros, seja por questões financeiras ou burocráticas, não podem vir aos EUA e ter acesso a esta cena específica; intelectual porque acreditava na produção independente como foma de viabilizar a idéia deste projeto (para o qual todos os artistas cederam o direito de uso de suas imagens), mas também porque me sentia responsável por retribuir algo à minha cidade. Toda a minha formação veio da escola pública, do ensino básico ao superior, pela Faculdade de Artes do Paraná - FAP, além do aprendizado básico de inglês, espanhol e introdução à Astrofísica. Encontre-se nisso a base que me proporcionou obter bolsas de estudo em centros de excelência nas artes como a Casa Hoffmann - Centro de Estudos do Movimento, em Curitiba e o The Kitchen, em Nova York. Assim, este projeto refletia sob uma perspectiva íntima, uma retribuição indireta a cada um dos professores que passaram até aquele momento pela minha história, com seus salários baixos e sua capacidade impressionante de doar-se. Uma citação no milenar Livro das Mutações ou I Ching, diz: "Dar não significa privar-se, mas sim transmitir aquilo que se tem no fundo".

A realização deste documentário desvendou uma solução em minha contante irritabilidade com as políticas de contrapartida social exigidas em quase todos os recursos públicos destinados às artes no Brasil. Como se os artistas tivessem a obrigação de assumir uma responsabilidade social. Não têm. O compromisso com a produção de conhecimento e o desenvolvimento da cultura de um país é o que de melhor um artista pode oferecer a sua nação. Naquele momento, passei a compreender o meu retorno "social": compartilhar com a minha comunidade específica o que não estava ao alcance dela, mas apenas se movida por minhas questões mais urgentes. E nesse processo, minha urgência encontrava-se em compreender o termo "comunidade artística" para além da década de 60.

A característica libertária da cidade de Nova York deve muito aos artistas dessa época. Os EUA, e mais especificamente Nova York, viviam um momento efervescente, no qual a era Kennedy se abria cheia de promessas de uma juventude e um sentido de "americanidade" completamente novos. Deixava-se para trás os conceitos baseados na experiência e na tradição, por algo visionário e inovador. O feminismo, a militância gay e os movimentos étnicos começavam a ter voz e a refletir sua diversidade nas artes. Movimentos ativistas eclodiam contra a Guerra do Vietnã, a primeira guerra televisionada. O momento da liberação sexual chegava com o advento da pílula. O rock invadia os musicais da Broadway com Hair, uma contaminação direta da cena experimental no âmago do

teatro comercial da cidade. O risco e a subversão da performance em resposta ao objeto artístico nas artes visuais, faziam da performance a mais radical das artes.

Com o lançamento das primeiras câmeras de vídeo (*portapacks*) começavam também os primeiros experimentos em vídeo-arte como uma resposta individual à cultura



de massas. A guerra fria tomara-se mais uma guerra cultural do que militar e os Estados Unidos começavam a introjetar verbas milionárias na introdução do ballet e do teatro nas escolas, além de investir nas artes experimentais, incentivando uma "arte americana" capaz de competir com a intelectualidade europeia.

Greenwich Village tornara-se o bairro da boêmia e das artes e nos quarteirões ao redor de Washington Square acontecia o nascimento do teatro off-off-Broadway com nomes que ficaram marcados não apenas nos livros de história do teatro e da dança pós-moderna americana, mas também na mítica geográfica do bairro. A contracultura americana contava com as performances do Caffè Cino (berço do teatro gay americano), o teatro político do The Living Theatre, o interesse do La MaMa Experimental Theatre Club em abraçar uma



comunidade artística internacional, os trabalhos do Judson Poet's Theatre e do The Judson Dance Theatre. É também o momento do grupo Fluxus (do qual participaram entre muitos artistas, Yoko Ono, Joseph Beuys e Nam June Paik), da Pop

Art e da Silver Factory de Andy Warhol, do cinema underground, da música minimalista de John Cage, Philip Glass, La Monte Young e Steve Reich. Com os trabalhos de Trisha Brown, Lucinda Childs, Yvonne Rainer, Steve Paxton e Simone Forti entre outros, alterava-se a perspectiva sobre o que a dança podia ser e sig-

nificar fora da caixa preta do teatro. Tantos outros nomes de relevância se seguiram constituindo a força motriz da cena experimental. Muitos prosseguem em suas manifestações. No entanto, a pergunta ressoava: o que restou do termo "comunidade"? Após o Flower Power, guerras midiáticas perduram revelando a infâmia da brutalidade e isso já não inflama as novas gerações. O romantismo acerca das drogas se foi. E quando vemos a cidade assustadoramente empurrar os seus artistas para regiões cada vez mais distantes das suas concentrações iniciais (Greenwich Village, SoHo, East Village) percebemos que o termo "comunidade" talvez não mais reflita a proximidade física dos artistas, mas sim, um compromisso e luta constantes para preservar seus interesses e explorações estéticas para muito além do main-

Comunidade, ativismo e a cena downtown apresenta a cobertura de uma parte significativa e ainda assim, apenas possível dessa cena. O documentário não apenas expõe fatos e acontecimentos, mas revela o pensamento, as influências, a filosofia e as preocupações dos artistas da Cena downtown (termo que refletia geograficamente a arte produzida no Lower East Manhattan, mas que se tornou sinônimo de "experimental"). Através de um recorte geográfico específico, o filme possibilita uma reflexão sobre o papel do artista na sociedade contemporânea.

Neste aspecto, entendemos Nova York sob uma ótica diferenciada, uma visão intimista e não "glamourizada" da cena. Os artistas entrevistados viabilizaram um recorte através do qual é possível compreender como a cena se transformou a cada década, impactada pela migração geográfica da comunidade artística, pela crise da AIDS na década de 80, pelo conservadorismo homofóbico do senador de extrema-direita Jesse Helms, pela política do prefeito Giuliani na década de 90, além de mostrar como a cidade estava respondendo à política do Partido Republicano e ao presidente George W. Bush meses antes das eleições que lhe dariam o novo mandato presidencial. Com uma cobertura que abrange mais de 40 anos de história, qualquer pessoa, mesmo sem estar ligada às artes, pode entender um pouco sobre a arte independente de Nova York. A receptividade do documentário nas cidades em que foi apresentado no Brasil, revelou por parte dos espectadores a surpresa em perceber que nem todo americano é sinônimo de George W. Bush, possibilitando a quebra de generalizações e pré-conceitos com relação à cultura americana, a qual - como provaram as últimas eleições no senado -, não é feita apenas de derivações do pensamento anti-aborto e pró-invasão no Iraque.

**Comunidade, Ativismo e a Cena Downtown**  
Um documentário independente sobre a cena experimental de Nova York.  
Direção de Cristiane Bouger. Duração: 110 mins. Idioma: Inglês/Português.  
Formato: Mini-DV. Uma produção independente. Website: [www.commy.ato.br](http://www.commy.ato.br)

## US TRANSCOM

Ligações de Nova York para:  
Rio de Janeiro - 3 cents / min  
São Paulo - 3 cents / min  
Belo Horizonte - 4 cents / min  
Brasil - 7 cents / min

(Ligações Interurbanas = 2 centavos)

- Sem Mínimo
- 24 Horas/7 Dias
- Nenhuma Taxa Acrescentada
- Ligações Claras com Redes Superiores

PARA MAIORES INFORMAÇÕES  
FAVOR NOS CONTACTAR:

1-888-670-2906

USTRANS@USTRANSCOM.COM  
WWW.USTRANSCOM.COM

stream e da narrativa linear. A suspeita de que o que faz Nova York ser uma cidade tão instigante nas artes não encontra-se nos limites de Times Square, se confirma para aqueles que acreditam não estar a arte confinada aos limites do entretenimento.